



*A educação como meio necessário para alcançar
uma memória histórica na perspectiva de
Hannah Arendt: o julgamento crítico como
remédio à repetição do passado*

SANTOS, A. B.

**A EDUCAÇÃO COMO MEIO NECESSÁRIO PARA ALCANÇAR UMA MEMÓRIA
HISTÓRICA NA PESPECTIVA DE HANNAH ARENDT:
O JULGAMENTO CRÍTICO COMO REMÉDIO À REPETIÇÃO DO PASSADO**

Allison Bruno dos Santos¹

 <https://orcid.org/0009-0007-8465-9513>

 <https://doi.org/10.33871/27639657.2025.5.2.11237>

Resumo: Este artigo analisa a educação sob a perspectiva filosófica de Hannah Arendt, destacando seu papel essencial na prevenção de horrores históricos como o totalitarismo. Arendt defende que educar é formar indivíduos capazes de pensar e julgar criticamente, indo além da simples transmissão de conhecimento. A ideia de natalidade representa a responsabilidade ética dos adultos em preparar os jovens para renovar o mundo. A escola deve ser um espaço de pluralidade, liberdade e memória histórica, promovendo reflexão ética e julgamento responsável. O conceito de “banalidade do mal” reforça a importância do pensamento autônomo. Assim, a educação é apresentada como um ato político de amor ao mundo, fundamental para preservar a democracia e evitar a repetição dos erros do passado.

Palavras-chave: Educação, Hannah Arendt, natalidade, memória histórica, julgamento crítico, banalidade do mal; totalitarismo, pluralidade; ética; democracia.

¹ Bacharel em Filosofia, Faculdade Vicentina-FAVI (2012); licenciado também em Filosofia pela Faculdade Campos Elíseos, Licenciado em Geografia, UNIFIEO (08/09/2022). Professor da Rede Estadual de Educação de São Paulo desde 2021.



Artigo publicado em acesso aberto sob a licença Creative Commons Attribution 4.0 International Licence.



INTRODUÇÃO

É notório, que na contemporaneidade existe focos de intolerâncias, radicalismos beirando talvez aos extremismos/terrorismos como aqueles ocorridos no passado². Nesse mesmo sentido, amparados no pensamento da cientista e filósofa política Hannah Arendt³, afirma que a educação é concebida como um processo não de transmissão de conhecimento, mas de constituição de indivíduos capazes de pensar e julgar diante dos desafios comuns do mundo.

No seu livro *Entre o Passado e o Futuro (ARENDT, H. 1961)*, a pensadora postula que para transformar o mundo e a realidade no qual vivemos, urge assumir uma postura de responsabilidade pela natalidade (conceito muito caro a Arendt). Grosso modo, devemos nos preocupar com aqueles que nascem e podem mudar os rumos do mundo. Amparados pelo passado sombrio, bem como a memória histórica temos a missão de inibir os horrores que se passaram no século XX como o Totalitarismo⁴.

Nossa ambição aqui, é debater como a educação, de acordo com uma perspectiva arendtiana, pode contribuir na construção de sujeitos capazes de fazer uma análise crítica do passado e olhando o futuro responsavelmente pelo tempo presente.

Considerando o exposto, nosso objeto de investigação é analisar como a educação pode se configurar como um espaço de natalidade, isto é, o acolhimento dos

² Grandes Guerras (Primeira Guerra Mundial 1914-1918; Segunda Guerra Mundial 1939-45); Fascismo na Itália (1922) e Nazismo na Alemanha (1933); Guerra fria 1947-1991 (Capitalismo -EUA vs. Socialismo -URSS)

³ Hannah Arendt (1906-1975) foi uma pensadora política alemã de origem judaica, conhecida por suas análises sobre o totalitarismo, a banalidade do mal e a importância da esfera pública. Suas obras mais célebres são *Origens do Totalitarismo* e *A Condição Humana*, que influenciaram profundamente o pensamento político do século XX.

⁴ Em "As Origens do Totalitarismo", Arendt chama o totalitarismo como um regime político novo que busca o domínio total através do terror, e não apenas do medo. Distinto dos regimes anteriores, ele se sustenta no culto ao líder, na propaganda ideológica e na criação de um inimigo. Seu objetivo é eliminar a espontaneidade e a liberdade, tornando os indivíduos supérfluos e substituíveis.



recém-chegados e de julgamento, ou seja, a compreensão da História. Na perspectiva arendtiana, isso só será viável mediante um novo paradigma de consciência histórica, essencial para criar um impedimento efetivo a crimes contra a humanidade.

2. DA EDUCAÇÃO: ASPECTOS EPISTEMICOS

2.1. Educação como um Local de Natalidade e Responsabilidade

Para Arendt (ARENDT, H. 2005), a educação é um ato inconfundivelmente político e ético, fundamentado na ideia de natalidade⁵. Grosso modo, é necessário que os adultos tem um compromisso ético e político com aqueles que chegaram ao mundo comum, e, portanto, apropriados da História por meio de uma educação, devem renovar o mundo através de sua chegada.

A escola, por conseguinte, não deve ser um local de doutrinação ou mesmo alienação, mas um espaço de liberdade e responsabilidade onde a pluralidade⁶ – a condição *sine qua non* (condição sem a qual não) da ação política – é vivenciada e o pensamento crítico desenvolvido.

2.2. Memória Histórica e o Poder do Julgamento

⁵ Para Arendt a natalidade, é o conceito importante que cada ser humano representa um novo começo e a capacidade de iniciar o imprevisível, sendo a essência da ação política, da liberdade e da esperança. Opõe-se a regimes estagnados, pois a ação política é vista como um novo nascimento capaz de modificar a realidade.

⁶ A pluralidade, como conceito caro para Hannah Arendt é a condição humana fundamental e a base da política, que reside no fato de o mundo ser habitado por homens únicos e diversos, e não por um único ser abstrato. Ela se revela na ação e no discurso no espaço público, sendo a política a atividade que manifesta essa convivência sem impor uma verdade única.



SANTOS, A. B.

Para Arendt, é um ato essencial da faculdade do julgamento entender o passado. Na construção, com a ajuda de filósofos e outros: Tiyay aqui (similarmente Notas de Hegel): <http://www.tiyay.com/publications/die-verh%C3%BCfung-des-christlichen-gerichts-m3.html>. Nesta meditação muitas vezes aterrorizante sobre o processo da vida tardia através da atomização social/perda de espaço público/falta de pensamento de formas que abriram caminho para ganhar poder suprimindo as pessoas — Tsiolkas é enfrentado por Rentsch, mas, em vez disso, é um filme sobre compromissos e crenças pervertidas implorando por autorreflexão.

A educação, então, deve promover o ensino da história, mas não como cronologia, com reflexão ética em uma cena de compreensão que nos permita negociar em relação à cena passada.

Como afirma Chauí⁷ (CHAUÍ, M.2000), porque a memória histórica atua como um instrumento pedagógico fundamental para capacitar as crianças a entenderem os processos sociais, abandonando uma relação alienada com a história.

2.3. A Banalidade do Mal e a Educação como Cura

A notória frase a banalidade do mal — cuja cobertura original foi inspirada pelo julgamento de Adolf Eichmann — nos lembra que uma inclinação para o mal político não está inherentemente ligada à monstruosidade, mas à ignorância e à incapacidade de pensar, à falta de disposição para se colocar no lugar do outro.

⁷ Marilena Chauí (04/09/1941) é professora titular da USP bem como pensadora, nascida em São Paulo, possui uma vasta obra sobre filosofia moderna e política. Ela Graduada e doutora em Filosofia pela USP, suas publicações estão "O que é ideologia" e "Convite à Filosofia", além de receber o Prêmio Jabuti por "A nervura do Real". Ofereceu uma vasta contribuição como Secretária Municipal de Cultura de São Paulo (1989-1992) e uma das fundadoras do PT, marcada como uma militante da democracia e dos direitos civis.



Eichmann incorporou aquela mistura devastadora de obediência cega e falta de mente. É exatamente essa 'banalidade' contra a qual a educação arendtiana resiste. Ela tem de moldar sujeitos que possam romper as correntes do comportamento obediente com o ato de pensar por si mesmos.

Aqui está Freire (1996) repetindo o que escreveu: "a educação não muda o mundo. A educação muda as pessoas. As pessoas transformam o mundo." Nesse sentido, as escolas não podem existir sem discussões sobre a dimensão moral na qual vivemos em nossa sociedade, isto é, ética, direitos humanos e democracia: formar cidadãos que saibam julgar e agir.

3. CONCLUSÃO

A visão da educação como um meio de possibilitar a cada pai, filho e professor um acesso à existência social encontraria suporte na filosofia de Hannah Arendt, que nos fornece uma perspectiva fundamental para pensar a educação de forma não instrumentalizada – a atividade educacional poderia ser entendida como uma prática política enraizada na natalidade, formando nossa responsabilidade para com o mundo.

O estudo realizado mostrou que o ensino de história baseado na tríade memória histórica - pensamento crítico - julgamento responsável está na base de uma educação que nunca mais seguiria os passos de erros anteriores. A escola, entendida como um microcosmo da esfera pública, deve ser o lugar por excelência onde a pluralidade é praticada e a arte do julgamento é cultivada.

Argumenta-se que, longe de ser uma tarefa secundária, a educação nos termos arendtianos constitui a própria condição de possibilidade para salvar e preservar um mundo democrático comum. Por fim, educar é um profundo "amor ao mundo", pois exige a responsabilidade de protegê-lo e, ao mesmo tempo, introduzir os novos, que



*A educação como meio necessário para alcançar
uma memória histórica na perspectiva de
Hannah Arendt: o julgamento crítico como
remédio à repetição do passado*

SANTOS, A. B.

trarão a capacidade inerente de natalidade. Assim, a educação garante a renovação do mundo comum e a continuidade da ação política.

A educação assegura a renovação do mundo comum bem como da continuidade da ação política. Diante das inquietações apresentadas, este artigo propôs-se, inicialmente, a estimular futuras reflexões e produções científicas, destacando a urgência de combater e erradicar a maldade dos horrores do passado. Apenas com compreendendo a história intimamente e promover reflexão crítica, poderemos evitar a repetição dos mesmos erros.



*A educação como meio necessário para alcançar
uma memória histórica na perspectiva de
Hannah Arendt: o julgamento crítico como
remédio à repetição do passado*

SANTOS, A. B.

REFERÊNCIAS

- ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. 272 p.
- ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 576 p.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 13. ed. São Paulo: Ática, 2000. 424 p.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 160 p.
- GADOTTI, Moacir. *Educação e cidadania*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003. 144 p.
- CORDEIRO, T. *Os 10 maiores genocídios da história*. Super Interessante. São Paulo, v.2, n 1 p.1 dez. 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/os-10-maiores-genocidios-da-historia/>> Acessado em: 27 out. 2025.